

## A dor de traír

## FALAR E SEMEAR...

Romeus a quem Cupido dardejou  
E entre fortes paixões tendes vivido:  
Qual é de vós o que não tem mentido  
E o mais férvido amor não ensombrou?

! Pois bem! A fé ardente é quem sou,  
Que um dia vos tereis arrependido.  
Por mim, confesso que o prazer sentido  
Jamais o meu remorso compensou.

Sempre que alguma outra me prendia  
E, por instantes, essa que eu amava  
Dos meus pobre sentidos se varria,

Logo o arrependimento me atestava  
Que era o meu coração que eu ofendia,  
Que era a mim próprio que eu atraía.

BRAMÃO DE ALMEIDA

e os monumentos foram destruídos pela raiva destruidora do povo vingador. Para quê? Para quê? Tudo lo que significava o passado antigo, o passado afrontoso, com seu cortejo imenso de desigualdades e de traições, tudo era arrazado, com uma violência e uma fúria inauditas, que obrigava a pensar nas hordas barbaras de outrora.

«E agora, que tudo parecia acabado, agora, depois do incêndio que reduziu as cinzas a fortaleza lóbrega de que eu fazia parte, quando começava a resignar-me ao meu novo papel de perceptora, de instrutora dos homens, ensinando-lhe, com a manha antiguidade, com o meu ar recolhido e severo, não a venerarem o passado, mas a recolherem dele os exemplos para o futuro, agora vens tu e matas-me. Com a tua mão impiedosa e violenta arrazaste, em mim e nas minhas poucas irmãs que viviam ainda, um resto quasi imperceptível do passado que odeias e que não queres ver voltar. Para quê? Para quê? Eu era a página da história que não inspiraria admiração nem respeito, mas que continha em si uma lição formidável para os tempos futuros. Para que me destruiste, homem, para quê? Habituá-tes a ler em mim palavras sangrentas e terríveis que constituiriam um aviso perpétuo. Preferiste matar-me, e mataste em mim a tua própria segurança. Passarás bem sem mim? Tanto melhor. Que o teu futuro, tão valorosamente conquistado, seja bem diferente das eras que se sumiram no turbilhão de sangue e lama que fica atrás de ti.»

E sem que o homem fizesse um movimento, a pedra desprende-se-lhe da mão, tombou no solo e desfez-se em pó, como se fôsse um torrão de lama. O homem então olhou em redor de si. As últimas trevas da noite que passara haviam sido expulsas pelo clarão vitorioso da aurora. Nas estradas brancas, longínquas, vultões negros passavam, e rumores de paz, cantigas de paz e de trabalho, elevavam-se mansamente em notas indecisas que pouco a pouco ganhavam precisão e contorno. Eram os cavadores, os lenhadores, os pastores...

Então o homem ergueu-se e considerou longamente. A voz da pedra acordara nele outras vozes desconhecidas. Sim, viver para lutar era o belo, mas a vida não podia sempre resumir-se na luta. A rebeldia e o idealismo do revolucionário não devia confundir-se com a fúria do iconoclasta.

E abarcando num olhar a terra que à sua volta se mostrava, toda deslumbrada e aquecida pelo beijo do Sol que subia, o homem, sentindo uma energia nova empolgá-lo, tomá-lo todo, como seiva luxuriante que tornava os seus braços em ramos virentes de árvore tecunda, aspirou longamente a brisa que passava e murmurou:

-- Vamos construir!

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

## O fanatismo da violência e a superstição religiosa

MEU CARO AMIGO:

No Suplemento Ilustrado de *A Batalha*, de 2 de Junho do ano findo, vem publicado o seguinte pensamento deste vosso camarada «Abilos»:

«A missão do pacifista precursor do anarquismo, deve ser: chamar todos os homens e todos os povos a uma universal conciliação. A verdade integral está no anarquismo, mas em todos os princípios políticos, em todas as ideias religiosas ou filosóficas reside uma parcela dessa verdade... Encontram-se necessariamente pontos de concordância em todos os homens a quem nos dirijamos.

«Ponhamos em foco esses pontos de concordância. Procuremos estudar, discutir e resolver o porquê da discordância entre os homens, e assim iremos conseguindo chamá-los a todos ao ideal sublime de pacificação e de harmonia, que será por assim dizer o laço social que a todos conseguirá ligar.

«Todos são interessados em que se faça luz! Se o anarquismo é uma utopia, ou uma quimera, como muitos pensam ou dizem, será bom para eles, que se faça luz, para que a quimera se desfaça... Se ao contrário, não é uma quimera, será também bom para eles e para toda a gente, que se faça luz e muita luz, para tranquilidade de todos, para o bem-estar e felicidade de todos...»

Penso que há dois grandes males a combater, se é nosso sincero desejo caminhar os mais rapidamente possível, para um futuro melhor de pacificação, de harmonia social, de bem-estar moral e material. Precisamos de todas as nossas energias, de toda a força do nosso sentimento, do nosso amor elevado ao mais alto grau, para a grande luta moral que precisamos sustentar para combater esses dois grandes males, esses dois fanatismos que são a meu ver um formidável estorvo para a marcha progressiva da humanidade!

Esses dois males são o fanatismo da violência produzindo a tirania, produzindo a guerra, produzindo a revolução sangrenta, produzindo o desvariamiento que leva ao atentado pessoal... e a superstição religiosa, o fanatismo do sobrenatural, do invisível, do mistério, do terror do desconhecido, produzindo e ajudando a produzir todos os grandes males que a humanidade tem sofrido até hoje e continua sofrendo!

As minhas ideias são pacifistas e anarquistas — as duas grandes utopias... mas não sou pacifista como muitos pacifistas que não se preocupam com o problema económico, nem sou anarquista como muitos anarquistas que sendo revolucionários, acreditam que só por meios violentos se pode transformar a sociedade e caminhar para o futuro comunista libertário.

Estou de acordo com Tolstói condenando todos os processos violentos de luta, evangelizando a bondade e o amor; não estou de acordo com as ideias espiritualistas de Tolstói, com a sua ideia de Deus...

Estou de acordo com Kropotkine, com o seu espírito libertário e igualitário, condenando em absoluto o fanatismo religioso, a moral preconceituosa impregnada de falsidades... não estou de acordo com o mesmo Kropotkine quando proclama a necessidade da revolução violenta, da luta agressiva contra todo o tirano, tiranete, opressor ou explorador, transformando a vida social num enorme campo de batalha...

Para mim, a luta necessária é a luta moral, começando por nós mesmos...

Há quem diga que eu sou um idealista; um sonhador...

O meu idealismo, se idealismo se pode chamar, é um idealismo prático, um idealismo positivista, baseado no amor pela humanidade, numa filosofia prática da vida, no que há de positivo, de verdadeiro, de aceitável para todos os espíritos.

! Sou sonhador? Será! ...mas o meu sonho é o sonho da criança que fantasia, que idealiza qualquer coisa de realização possível, embora difícil e demorada.

A ideia de Deus e da imortalidade da alma, e do espiritualismo, e de ciências ocultas, não entra, nem precisa entrar, no meu idealismo...

! O que é Deus? Deus é a ideia do sobrenatural que evoluiu através dos tempos; é a hipótese, é a explicação dos fenómenos naturais que o espírito humano não soube explicar e a que chamou fenómenos sobrenaturais... Deus é o papão que a mãe impaciente mete na cabeça do menino que chora para ele se calar...

Deus é a superstição, é o terror de que o homem se tem servido sempre para dominar, para esmagar o seu semelhante! Deus é hoje, a herança atávica de muitos séculos de opressão, de tirania, de usurpação, de erros, de crimes, de misérias, de vaidades, de traições... Deus foi tudo isso, foi invocado para tudo isso, foi

companheiro do homem nos mais monstruosos crimes que se têm praticado no mundo e a que damos o nome pomposo de guerras...

Que a força domina a matéria (a vil matéria!) dizem-nos indivíduos de ideias espiritualistas, mas ao mesmo tempo procurando aniquilar a matéria, dizem-nos que a matéria desaparece sob o dinamismo...

Mas onde é que está a força dominando a matéria se esta não existe?! Se o que existe é a energia, é o dinamismo, é o movimento... se força e matéria são uma e a mesma coisa?!

! A matéria é vil? mas é vil porquê?

Se admitimos que o espaço é ilimitado e por isso mesmo lhe chamamos o Infinito, a Imensidade, e dizemos: — a Natureza imensa — qual a razão porque admitimos para a natureza a imensidade no espaço e não admitimos a imensidade no tempo, isto é, a duração eterna, a Eternidade, o que não teve principio e não terá fim?

O espírito humano não pode compreender a duração eterna, a ausência de um limite no tempo para explicar o começo das coisas?... também não pode compreender a imensidade no espaço (porque o ser finito não pode compreender o Infinito) e no entanto pode admiti-la: é logicamente levado a admiti-la.

Eu creio que a morte universal não reinará jamais, conforme nos diz Flamarión. Mas creio igualmente que o que não tem fim, o que dura sempre, também não teve principio, também existiu sempre...

! Quem foi que fez o mundo ou melhor, o Universo? «Foi Deus» — dizem os crentes. E quem foi que fez... Deus?

Oh! heresia, isso não se pergunta: Deus não foi feito nem criado, existiu sempre, existirá e eternamente.

Mas ó filhos! por quem sois, pelo vosso Deus, não vos altereis, não vos ofendeis com a nossa pergunta! Ela está tanto dentro da lógica de quem raciocina, como a vossa quando interrogais quem fez o Universo...

A explicação que dais a respeito de Deus não a podereis admitir a respeito do Universo? O que é que o Universo terá de inferior, de mau, de baixo, de desprezível para não merecer as honras de Divindade?

É a respeito da imortalidade da alma... a primeira coisa que eu não compreendo bem, é o que significa essa palavra... como é que os outros viventes podem viver... sem alma e o vivente humano que tantas provas de crueldade e de baixes de sentimentos têm dado... como é que a fera humana, para viver, precisa duma alma... imortal?

! E' ou não é o homem um ser finito? E o que é finito no espaço, não será necessariamente finito no tempo? Como compreender pois a duração eterna do homem, considerado como indivíduo?

! Francamente, não compreendo!

Compreendo que seja eterna a Vida universal, a Vida imensa. ! Não tendo limites no espaço, não pode ter limites no tempo!

A palavra Deus não faz falta à nossa concepção da vida, do Universo, da eterna Beleza, do eterno Amor.

O ateísmo é lógico. O ateu sincero é também um crente, um justo, um bom e não um impio, como se tem dito... sem se pensar no que se diz!

O nosso Deus é o Amor, essa força imensa, esse Todo-Poderoso natural que nós desejamos despertar e desenvolver em nós mesmos e no nosso semelhante.

Pensemos no Amor em vez de acreditar em Deus; ponhamos todas as nossas energias, todo o nosso saber, toda a nossa inteligência, toda a nossa actividade, ao serviço do Amor, ao serviço do bem positivo, real, verdadeiro, sincero, da humanidade; e a nossa missão será nobre e bela e teremos certa a nossa entrada... no Paraíso!

ABILOS

■ Se se reconhece que a lei pode mudar, é de presumir que pode tornar-se regressiva e desde o seu principio pode lesar alguém, porque há sempre indivíduos mais avançados que a sua época. Portanto, a lei não é justa, nem tem o carácter respeitável que se lhe tem querido dar. Se esta lei me prejudica nos meus interesses ou na minha liberdade, porque serei eu conflagrado a obedecer-lhe e qual o direito imutável que pode justificar este abuso? — J. GRAVE

■ Uma moral exclusivamente científica não pode dar uma solução definitiva e completa do problema da obrigação moral. — GUYAU